




**LUA CONVIDA A AMAR: UMA LEITURA DE LUAMANDA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

**LUA INVITES TO LOVE: A READING BY LUAMANDA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

**LUA INVITA A AMAR: UNA LECTURA DE LUAMANDA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Márcia Letícia Gomes¹
Thalyta Karina Correia Chediak²
João Baraldi Neto³

 10.21665/2318-3888.v8n15p161-179

RESUMO

Olhos d'Água é uma coletânea de contos de Conceição Evaristo publicada em 2018. Predomina, nos contos, o protagonismo das figuras femininas, nas quais temos materializada a escrevivência conforme a qual a própria escritora caracteriza sua atividade literária, temos então diversas vidas de mulheres nas quais muitas outras mulheres podem ler suas próprias histórias. Dentre elas Luamanda, personagem escolhida para nossa leitura e a partir da qual pensamos a vivência do amor pela mulher, o que passa pelo que é ser mulher ou tornar-se mulher e, especificamente, a fluidez na relação amorosa. Nossa leitura é feita a partir das contribuições de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Marina Castañeda.

Palavras-chave: Escrita feminina. Escrevivência. Amor. Luamanda. Conceição Evaristo.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO. E-mail: marcia.leticiagomes@gmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: chediakthalyta@gmail.com.

³ Especialista em Direito Civil e Processo Civil. Docente da Faculdade de Pimenta Bueno – FAP. E-mail: baraldi.n.j@gmail.com.

ABSTRACT

Olhos d'Água is a collection of short stories by Conceição Evaristo published in 2018. In these short stories, there is a predominance of female figures as leading roles, which reveals the materialization of the "escrevivência" that the writer herself characterizes her literary activity. Therefore, many women have been able to read their own life-story through these short stories. Among them, Luamanda was chosen for our reading and from which we have discussed the way woman experiences the love, from what it is to be a woman or become a woman, specially, about fluidity that incorporates modern relationships. Our reading is made from the contributions of Simone de Beauvoir, Judith Butler and Marina Castañeda.

Keywords: Female writing. Escrevivência. Love. Luamanda. Conceição Evaristo.

RESUMEN

Olhos d'Água es una colección de cuentos de Conceição Evaristo publicada en 2018. En los cuentos, predomina el protagonismo de las figuras femeninas, en el que hemos materializado a la "escrevivência" según la cual la propia escritora caracteriza su actividad literaria, por lo que tenemos varias vidas de mujeres. donde muchas otras mujeres pueden leer sus propias historias. Entre ellos, Luamanda, el personaje elegido para nuestra lectura y desde el cual pensamos la experiencia del amor por las mujeres, o que pasa por lo que significa ser mujer o convertirse en mujer y, específicamente, la fluidez en la relación amorosa. Nuestra lectura se basa en las contribuciones de Simone de Beauvoir, Judith Butler y Marina Castañeda.

Palabras clave: Escritura femenina. Escritura. Amor. Luamanda Conceição Evaristo.

Introdução

*Eu não tinha este coração
Que nem se mostra*
(Cecília Meireles, Retrato)

As narrativas literárias foram pensadas durante um tempo divididas entre autobiográficas e totalmente ficcionais. Flexibilizando tal concepção, surgiu o conceito de autoficção, a partir do qual tornou-se possível vislumbrar algo do sujeito-escritor nas narrativas criadas por ele. Conceição Evaristo vai além dessas possibilidades para criar o termo *escrevivência* que, como autorreferenciado, trata desta junção entre escrita e vivência e que não se refere apenas à representação de si, mas a de outros que porventura tenham vivenciado os mesmos processos.

No livro de contos *Olhos d'água*, publicado em 2018, a autora traz muitas destas vivências por meio da construção de protagonistas femininas com seus roteiros e descaminhos. Uma destas protagonistas é Luamanda, o conto leva o nome dela, a partir de quem nos propomos a pensar a figura da mulher e sua relação com o amor e com os relacionamentos.

Luamanda é construída de modo a permitir vivenciar com a personagem todo um percurso de relações amorosas, de relações com o próprio corpo, de relações com escolhas e, também, com violência. Nossa leitura do conto objetiva analisar este percurso e, a partir dele, dada a tônica da *escrevivência*, pensar as vidas de outras tantas mulheres nas quais atravessam as mesmas questões que atravessam Luamanda.

Para tal, nos apoiamos no pensamento de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Marina, que nos auxiliarão na compreensão das complexas relações das mulheres com o amor e com seus corpos numa sociedade patriarcal.

1. Do amor ou dos amores de Luamanda na escrita evaristiana

Maria da Conceição Evaristo de Brito é mulher, escritora, mineira, mora no Rio de Janeiro, é doutora em literatura comparada. Seus primeiros textos literários – contos e poemas – são publicados nos *Cadernos Negros*, onde ainda publica. O primeiro romance é publicado em 2003, *Ponciá Vicêncio*, seguido de *Becos da Memória*, em 2006. No ano seguinte, é publicado *Poemas de recordação e outros momentos* e em 2011, *Insubmissas lágrimas de mulheres*. *Olhos d'água*, nosso objeto de estudo, é publicado em 2014 e segue-se à tal publicação, a de *Histórias de leves enganos e parecenças* em 2016. Alguns de seus títulos foram traduzidos para o inglês e para o francês, um prêmio Jabuti e há, além da produção literária, a produção acadêmica da autora.

Mas, acima de todas essas características, da extensa produção, dos prêmios, das traduções, Conceição Evaristo possui muitas vivências que escolheu tornar escrevivências, não simples memórias, não apenas notas autobiográficas, mas “[...] a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20) e é desta perspectiva que Conceição Evaristo nos apresenta e se apresenta como muitas mulheres, uma delas é Luamanda.

Luamanda - o título deste conto publicado na coletânea *Olhos d'água* (2018) é algo em que deixar passear o pensamento antes de abordar o texto literário, é lindo por si, é um nome próprio como muitos outros que dão título aos contos do livro como Maria, Cida, Natalina, Ana Davenga, Zaíta, Lumbiá. E Luamanda, dentre todas as figuras incríveis criadas e vividas por Conceição Evaristo, é a que brilha e a que é digna de ser amada e traz isso no nome “Era a lua a mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desmilinguia todinha” (EVARISTO, 2018, p. 59). Não é à toa que é ela a nos fazer pensar sobre o amor.

Para além de seu nome, Luamanda nos dá outros temas em que pensar e o faz em forma de perguntas, como uma espécie de refrão tão comum na poesia grega e latina e, ainda, nas cantigas trovadorescas, nos vêm ao final de alguns parágrafos as seguintes questões: O amor dói? O amor é terra morta? O amor é terremoto? O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas? O amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce

também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra? O amor não cabe em um corpo? O amor é um tempo de paciência? O amor comporta variantes sentimentos?

Poderíamos enxergar, apenas recolhendo as perguntas-refrão do texto, uma espécie de ciclo do amor na vida de uma pessoa que se inicia com a dor, as descobertas, as intensidades, o sofrimento, as escolhas, o físico e o não-físico, o aprendizado que cada amor imprime. Neste sentido, o ciclo vivenciado por Luamanda é o mesmo vivenciado por tantas outras mulheres com suas dúvidas, seus silêncios, suas descobertas e suas interdições. Por isso, Conceição Evaristo nos fala em escrevivências a partir das quais não temos apenas a vida de uma mulher ali contada, mas as vidas de muitas mulheres para as quais todas as questões-refrão fariam muito sentido.

Sabe-se que esta ideia do amor para a vida inteira também se propagou como uma forma de oprimir as mulheres, aprisionar seus corpos, controlar socialmente esses corpos evitando que (pensamos aqui nas mulheres como maiores vítimas desta construção) conhecessem o amor em todas as suas formas e facetas.

Existe uma forma certa de amar? Deve ser como terremoto, como paciência, num corpo diferente do nosso, num corpo igual ao nosso, necessariamente num corpo? Quem constrói e para quem são construídos os modelos de amar?

2. Lua livre para amar

A frase de Simone de Beauvoir no segundo volume de *O Segundo Sexo* (1980) “Não se nasce mulher, torna-se mulher” segue atual e reúne em si um conjunto de ideias e modelos construído socialmente que impacta e determina as vidas das mulheres. Assim, ao ser designada mulher, espera-se uma série de comportamentos, atitudes, modos de andar, falar, vestir eleitos para as mulheres independentemente do que elas possam pensar que seja bom para si mesmas.

Nas palavras de Beauvoir “Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens impõem a condição do Outro” (BEAUVOIR, 1980, p.

8). Assim é que “liberdade”, “escolhas”, “descobertas” para as mulheres, estão sempre toldadas por um olhar masculino, pelo olhar do “um” em relação ao “outro”.

Judith Butler (2010) apropria-se do verbo “tornar-se” explícito na frase de Beauvoir que abre esta seção para pensar o “tornar-se mulher” como uma construção. Se é construído, logo, pode ser desconstruído. A filósofa argumenta que pensar o tornar-se mulher como construir-se mulher não implica pensar uma construção livre, mas fundada numa sociedade patriarcal e falocêntrica que moldará os comportamentos.

Para além disso, Judith Butler (2010) questiona a distinção tradicionalmente aceita entre sexo (biológico) e gênero (cultural) para pensar que tanto sexo quanto gênero são construídos e, a partir deste pensamento, tem-se uma espécie de quebra da heterossexualidade compulsória.

O gênero figura, nesse caminho, como uma performance social, não performada livremente pelo indivíduo, mas realizada de acordo com uma série de modelos e padrões previamente instituídos e aos quais espera-se que o indivíduo se amolde, do contrário, seu lugar será o da abjeção.

O pensamento de Butler retoma a fala de Beauvoir para repensá-la e romper os limites da heterossexualidade, haja vista que o pensamento da filósofa francesa ainda se baseava no binarismo e, nisto, excluía uma série de corpos que não cabe neste modelo. Butler traz a ideia do corpo abjeto, aquele que não é reconhecido dentro do binário, e, tendo o binário por predominante, estes corpos marginais são vistos como destituídos de humanidade.

Construímos esse caminho para pensar que tudo aquilo que consideramos masculinidade e feminilidade foi socialmente construído e pensar desta maneira fragiliza as estruturas de dominação masculina e de heterossexualidade compulsória, a leitura de Judith Butler faz uma provocação nesse sentido e, entendemos, é este também o convite que nos faz Luamanda.

3. Ao espelho

Nas primeiras linhas do conto, descobrimos que Luamanda tem por volta de 50 anos, mas nunca ninguém lhe havia atribuído mais de 40, no máximo 35. “É, estava inteirinha, apesar de tantos trambolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada” (EVARISTO, 2018, p. 60). Esta imagem ao espelho, sentir-se bem por parecer mais jovem, esconder os sinais do tempo é algo natural para a mulher ou inscrito neste conjunto de parâmetros estabelecidos para o “outro” mulher?

Tal reflexão nos remete ao pensamento de Naomi Wolf em *O mito da beleza* (1992) em que a pensadora argumenta que ao longo dos últimos anos as mulheres ganharam espaço em diversos campos, lograram diversas conquistas, se organizaram em movimentos sólidos, no entanto, proporcionalmente a isso, constatou-se um crescimento nos distúrbios de alimentação e imagem corporal, na busca por cirurgias plásticas e problemas emocionais relacionados à autoimagem. Nas palavras da autora: “[...] um filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle” (WOLF, 1992, p. 12).

Nesse pensar, ao lado de muitas conquistas no sentido da liberdade pelas mulheres, haja vista que as primeiras discussões do feminismo se organizam em torno da figura feminina na dinâmica entre o público e o privado, uma prisão subsiste fortemente e está relacionada à ideologia da beleza que segue controlando muitas mulheres.

Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 1992, p. 13).

A fala de Wolf é oportuna para pensarmos *Olhos d'água* (2018) como obra, como conjunto, haja vista que os diferentes contos que o compõem permitem passear pelos mitos enumerados por Naomi Wolf e problematizá-los. As figuras vividas e escritas por Evaristo nos colocam na discussão sobre o tornar-se mulher e todas as suas implicações e, aqui, especial destaque para o conto *Quantos filhos Natalina teve* em que fica evidente o ideal de amor e de família construído socialmente (numa sociedade patriarcal) para as mulheres e a relação de muitas mulheres com o dispositivo materno ali representadas pela protagonista que, não à toa, carrega o nome de Natalina.

Retomando a figura de nossa protagonista Luamanda e sua relação com a idade, surgem questões relacionadas ao fato de a beleza se constituir um valor apenas para as mulheres, um valor construído para se configurar prisão e materializado na expressão da importância que a personagem confere ao fato de sempre lhe atribuírem dez anos menos, de sua “vida-estrada” não estar evidente em linhas de expressão ou formas do corpo.

No ciclo vivenciado por Luamanda, temos que aos 11 anos vivencia as dores de amor, tanto as típicas do amor, quanto as da surra da mãe; aos 13, a iniciação sexual com um menino que também ali se iniciava. Depois, muitas outras vivências, e, com elas, as “barrigas-luas” de Luamanda – cinco. “O amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas?” (EVARISTO, 2018, p. 61).

Uma nova experiência, “o amor em braços semelhantes aos seus”, “saudade alguma sentiu, vazio algum sentiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra”. Depois deste encontro, o amor no corpo de um jovem que a rejuvenescia. Depois dele, um velho: “E foi no corpo do velho que ela melhor executou o ritual do amor” (EVARISTO, 2018, p. 61).

Em que espelho fica perdida a face de Luamanda? Por que um espelho? Por que em tantos corpos diferentes: homens, mulheres, jovens, velhos, meninos? Esta busca no outro está inscrita no “ser mulher”, no “tornar-se mulher” dentro de modelos previamente estabelecidos. No servir que é imposto à mulher, porque possui um útero, porque a ela cabe cuidar, porque só na satisfação dos outros deverá ter sua própria satisfação. Na perspectiva de Julia Kristeva: “Longe de ser tão narcísica como dizem, e sendo até muito menos narcísica que um homem, uma mulher se constrói de imediato numa relação com outrem: viver é viver do e para o outro, inclusive e especialmente quando é impossível e traumático” (KRISTEVA, 2017, p. 48).

De acordo com Zanello (2016) é a maternidade, também, uma construção social e exemplifica a partir de Badinter que no século XVII e parte do XVIII era natural deixar os filhos com uma ama de leite até por volta dos cinco anos. No século XVIII, apenas, começa-se a construir a concepção de que a maternidade seria um ideal para as mulheres. Passa-se a fazer, então, uma espécie de convencimento das mulheres no

sentido de dedicação integral à maternidade, deixando de lado seus interesses pessoais no referido período. Tal pensamento perdurou e hoje vemos um contra-movimento que visa a desromantizar a maternidade. Mas tais iniciativas ainda não são suficientes para desconstruir este papel de mãe e esposa por longo tempo atribuído às mulheres que lhes tira a condição de “pessoas” antes disso.

Em geral, o que se percebe é que a pessoa da mulher ficou cada vez mais subsumida nas funções maternas e domésticas (de sua própria casa e/ou na casa de outras mulheres). A mensagem propalada é de que uma boa mãe deveria se apagar em favor de suas responsabilidades para com seus filhos, com a promessa de felicidade (ZANELLO, 2016, p. 107).

Esse apagar-se em favor de outros: família, filhos, patrões pode, de certa maneira, fazer com que a mulher, construída num ambiente em que tal pensamento é predominante, busque sua satisfação, sua felicidade sempre na figura de outras pessoas deixando de se pensar, de se avaliar, de se conhecer e perder esta característica de pessoa legítima, em certa medida, a violência contra a mulher.

Luamanda cresce em um ambiente no qual a figura paterna se faz ausente. Uma realidade que permeia os lares brasileiros, conforme dados apresentados na revista “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, divulgada em março de 2017 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que tem por base nos números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). De acordo com a pesquisa realizada, o número de lares brasileiros chefiados por mulheres passou de 23% para 40% entre 1995 e 2015, dentre eles 34% possui a presença do cônjuge⁴.

Pensando *Olhos d'Água* (2018) como conjunto, destacamos a figura de Maria, protagonista do conto homônimo que, sozinha no cuidado dos três filhos, trabalha em uma casa como empregada e leva dali as sobras para alimentar os filhos “Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço” (EVARISTO, 2018, p. 39).

4 IPEA. *Revista Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em mai. 2020.

Sem apoio dos pais de cada um de seus filhos, a personagem desempenha arduamente as atividades a fim de garantir o sustento e condições mínimas para eles. O pai ausente de um de seus filhos, a propósito, é o responsável pelo linchamento e morte de Maria no conto. “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2018, p. 39).

O conceito de família passa por pequenas revoluções históricas capazes de transformar a sua configuração no tempo. Castañeda (2006) explica que o cenário familiar vivenciado e normalizado atualmente tem início na Revolução Industrial a partir da necessidade de deslocação diária do homem para o local de trabalho, conforme horários impostos pelas exigências da produção mercantil.

No tempo, a presença física do pai passa a ser requerida do ponto de vista alimentar, da companhia e distração, e se desvincula da família na dimensão afetiva. Observa-se que a figura paterna passa a não mais ser de presença, mas de ausência, executando função simbólica, porém, muitas vezes remota e desconhecida para os filhos (CASTAÑEDA, 2006, p. 188).

O art. 266, parágrafo 5º da Constituição Federal de 1988 estabelece a partir do princípio da igualdade que os deveres para com a família sejam exercidos pelo homem e pela mulher igualmente. Aqui, fazemos um adendo com base no princípio da isonomia, apesar de o texto legal utilizar as palavras homem e mulher, é necessária uma interpretação extensiva da realidade na qual estamos inseridos, de forma a abranger as variadas configurações familiares. Entretanto, ao falarmos de uma sociedade pautada no machismo invisível, optamos pela discussão acerca do conceito de família tradicional colonial.

O reconhecimento da chefia da mulher no lar, bem como as diversas mudanças das relações sociais, se faz necessário para a proteção da família e seus integrantes, tendo como máxima a proteção da dignidade humana e a compreensão, na atualidade, de diferentes arranjos familiares.

Dentre as consequências da ausência afetiva no eixo familiar, na análise da trajetória de Luamanda, observa-se a constante busca pelo amor, incentivada pela ausência de afeto da infância.

Lembrava-se da primeira paixão. Sentimento esquivo, onde se misturavam revistas em quadrinhos, giz colorido, partilha de pão com salame e um epílogo cruel dramatizado pela surra que levava da mãe. O amor dói? Na época pensou que a dor de amor era tanta, porque tinha onze anos e um corpo-coração pequeno. E desejou crescer (EVARISTO, 2018, p. 37).

A personagem se questiona acerca do conceito do amor, pois o desconhece. No caminho percorrido repleto de transformações, Luamanda, assim como as fases da lua, deixa um pouco de si e de seus sonhos em cada tentativa de descoberta do significado de amor.

Acerca das consequências da ausência do afeto na vida das filhas, Castañeda (2006, p. 190) comenta:

Elas tenderão a crescer com uma imagem desvalorizada de si mesmas e a buscar desesperadamente um homem que lhes dê um mínimo de atenção e afeto, mesmo que ele não seja na realidade um par adequado. Além disso, as meninas que crescem sem pai chegam à idade adulta com uma imagem idealizada dos homens; assim como os meninos, faltou-lhes a convivência com um homem de carne e osso, e ficarão mais facilmente deslumbradas por imagens masculinas fictícias.

Segundo a autora, o contexto serve para promover o “machismo invisível”, no qual as mulheres acabam sendo maltratadas ao aceitarem rótulos enraizados na história, “acabam por viver com homens que não as escutam, porque o pai nunca as escutou. E casam-se com homens que não lhes convêm, porque não viram, em casa, um matrimônio feliz” (CASTAÑEDA, 2006, p. 190).

O machismo invisível, segundo a autora, faz parte da reprodução da vida humana em diversas esferas do conhecimento, encontra-se nas bases estruturais da sociedade de maneira que contribui para a reprodução de papéis que aprisionam sujeitos com funções reduzidas” (CASTAÑEDA, 2006, p. 14).

Importante destacar que o que Castañeda traz por machismo invisível também é tratado em outros contextos como machismo estrutural, referindo-se àqueles comportamentos que, de tão comuns, socialmente aceitos, ensinados, acabam sendo naturalizados sem que muito se pense sobre eles, daí o caráter de invisibilidade. No entanto, empregar este

conceito não implica desconsiderar as marcas evidentes do machismo nas mais diversas violências físicas e patrimoniais, no feminicídio cujos números aumentam a cada dia.

Os relacionamentos afetivos tradicionais são permeados pelos sentimentos de posse e objetificação em relação ao parceiro. Desta forma, Bittencourt (2012, p. 53-4) explica que o outro deixa de ser alguém baseado na complexidade de sentimentos e sensações e se transforma em objeto de posse do outro para objetivo de consumo e descarte, conforme o resultado da liquidez dos relacionamentos modernos.

Para Bauman (2004, p. 6), a modernidade reflete a liquidez dos vínculos afetivos ao passo que crescem discursos e práticas de uma cultura da individualização.

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.

A “modernidade líquida” carrega consigo a misteriosa fragilidade dos laços humanos, um amor líquido que, para o autor, estimula desejos conflitantes entre estreitar os laços afetivos e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (BAUMAN, 2004). Desta forma, caminhamos para a objetificação dos relacionamentos e dos sujeitos nele envolvidos.

A palavra objetificação nos remete, imediatamente, ao corpo da mulher, que é considerado público, a respeito do qual se pode opinar sem que a opinião tenha sido pedida, sobre o qual todos conhecem a passagem do tempo e se sentem confortáveis em dizer quando este corpo está pronto para o casamento, para a maternidade, pressupondo que toda mulher deseja se casar e ser mãe, são os mitos mencionados por Wolf (1992).

Isso ocorre a partir de uma crença enraizada de que o corpo da mulher não é dela, é da maternidade, é do serviço prestado à família. O corpo da mulher não é para o seu prazer, mas para o prazer do homem e é baseado nesta forma de pensar que temos uma colonização das mulheres por parte dos homens e Luamanda também nos convida a pensar sobre isso:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não

soubera entender a solidão da hora da partida. E, durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se a sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio. Logo ali onde a vida se entranha e desentranha (EVARISTO, 2018, p. 62).

Observa-se que no decorrer da vida de Luamanda mais um retrato brasileiro é destacado: a violência sexual feminina. A personagem, além de sofrer estupro é obrigada a carregar e suportar o peso da dor da violação para o resto da vida. A história de Luamanda conta as histórias, as vivências, é escrevivência de quantas outras mulheres?

De acordo com a pesquisa realizada pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, que tem como fonte os boletins de ocorrência, denuncia-se o maior número já registrado de violência sexual em 2018, total de 66.041. Entre esses números, em 81,8% dos casos, a vítima era mulher. Segundo a pesquisa, a média é de 180 estupros por dia, cerca de crescimento de 4,1% no ano de 2018⁵.

No Brasil, estupro é definido no Código Penal, no capítulo sobre os crimes contra a liberdade sexual, como constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

Luamanda teve enfiado um espeto dentro da vagina por um ex-companheiro que não se conformou com o término do relacionamento. Mais do que a apropriação do corpo feminino, dá-se ao homem o direito de extravasar a agressividade que lhe pertence em objetos de sua propriedade, considerando o corpo da mulher como tal (SOIHET, 2002), reflexos de uma dominação histórica, cultural e naturalizada no tempo.

Registros fornecidos pelo Sistema de Informações de Agravo de Notificação do Ministério da Saúde (Sinan, 2011), com base no ano de 2011, estimam que no mínimo 527 mil pessoas são estupradas por ano no Brasil, sendo que 89% das vítimas são do sexo feminino e os dados indicam que 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima. Mais que porcentagens, retratos da realidade.

5 Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019. Disponível em : <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>>. Acesso em mai. 2020.

Em 2006, Cristina Ribeiro, 36 anos foi cercada pelo ex-marido – que não aceitava o término do relacionamento – no ponto de ônibus. O caso conhecido como “Drama no 499” teve Cristina estuprada pelo ex-marido em um motel, além de outras violências.

Em 2017, Ingrid Soares de Lucena, de 24 anos, morta com oito facadas pelo ex-namorado em frente aos dois filhos. Ingrid já havia feito registros de ocorrência por estupro, além de pedir medidas protetivas.

Em 2019 – Katia Valeria Nunes Bastos, de 47 anos, motorista de aplicativo, foi estuprada e estrangulada pelo seu passageiro dentro do próprio carro⁶.

A história de Luamanda retrata a realidade de diversas mulheres, mesmo que possuam nomes diferentes, idades diferentes ou tenha acontecido uma violência de gênero em anos diferentes, a vítima continua a mesma.

No âmbito jurídico, destaca-se a Lei Maria da Penha nº 11.340/06 como marco do direito nacional em defesa dos direitos femininos. Em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que assim como outras milhares espalhadas pelo país, suportou diversas formas de violência pelo marido.

Destacamos, ainda, a Lei nº 13.104/15, conhecida como lei do feminicídio, a qual foi criada em decorrência da necessidade de providências mais rigorosas decorrentes nos altos índices de violência contra as mulheres no Brasil. O uso da palavra feminicídio destaca ser o crime de discriminação cometido contra uma mulher pelo fato de ela ser mulher, resultado da relação de hierarquia perpetuada na história entre homens e mulheres, Nadine Gasman, porta-voz da ONU mulheres no Brasil destaca que “A violência contra mulheres é uma construção social, resultado da desigualdade de força nas relações de poder entre homens e mulheres. É criada nas relações sociais e reproduzida pela sociedade” (MEIRELES, 2020).

A violência praticada pelo ex-companheiro contra Luamanda sinaliza a ideia de propriedade do homem em relação ao corpo da mulher. Inconformado com o fim do

6 IPEA. Estudo analisa caso notificados de estupro. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21849>. Acesso em mai. 2020.

relacionamento, afinal, se era sua propriedade, só ele poderia determinar em que momento a relação terminaria, em que local do corpo ele desfere a violência? Contra a vagina de Luamanda no intuito de que, não estando com ele, nunca mais pudesse estar com outro.

Compreendemos, no decorrer da narrativa, que Luamanda demora a se recuperar desse golpe, ou seja, seu ex-companheiro conquista o objetivo que era impedir que a mulher tivesse prazer com seu corpo. Quantas vezes ouvimos a frase: “Se não for minha, não vai ser de mais ninguém”? Para muitas pessoas, a bravata não causa estranhamento, pois foi naturalizada.

De outra parte, nota-se que apesar da instituição de legislação (no Brasil, Lei Maria da Penha – 2006, Lei do feminicídio – 2015, Lei que tipifica os crimes de importunação sexual – 2018) e implementação de Delegacias da Mulher e de redes de proteção às mulheres vítimas de violência e o desenvolvimento de aparatos que visam à proteção feminina, a violência contra a mulher não dá sinais de ter fim.

De acordo com Blanch (2001, p. 7), esse tipo de violência está envolto em uma relação de poder vigente em determinada ordem social e cultural sustentada por uma ideologia que atua como um mecanismo pseudo-legitimador da ação violenta. É um processo lento e constante desconstruir esta ordem social que estabeleceu o poder do homem em relação à mulher, em relação a este “outro”. Nos perguntamos, pode a arte se constituir um dos mecanismos para tal?

O médico obstetra Jefferson Drezett (2003, p. 37) explica, em sua pesquisa, que a maior parte das mulheres não registra queixa por constrangimento e humilhação, ou por medo da reação de seus conhecidos. Segundo ele, é comum que o agressor venha a ameaçar a mulher de nova violência caso ela revele o acontecido. Temos aí uma cadeia de condições, a mulher que não denuncia por medo de não acreditarem no que ela tem a dizer, por medo de o homem voltar a procurá-la e aumentar a violência após a denúncia e, como há uma violência psicológica envolvida no processo, as não-certezas que envolvem toda a situação.

À mulher vítima de violência incumbe o papel de carregar para o resto da vida a dor da violência sexual e todas as suas consequências que vão influenciar diferentes fatores da vida da mulher. Como ocorreu com Luamanda: “Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesma” (EVARISTO, 2018, p. 63).

O Ministério da Saúde⁷ indica como possíveis consequências da violência sexual feminina, além das lesões físicas, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, os impactos psicológicos. Mattar, Abrahão e Andalaft Neto (2007) citam a possibilidade de problemas familiares, sociais, abandono da casa, dos estudos, perda do emprego, prostituição, medo da morte, sensação de solidão, vergonha e culpa.

Segundo Early (1993), o abuso sexual acarreta traumas psicológicos nas vítimas. A invisibilização passa a ser o desejo das vítimas que veem a si mesmas como “sujas”, “nojentas” e “feias”, percebendo o próprio corpo como vergonha, podendo desenvolver transtornos emocionais, alimentares de forma a impossibilitar que a vítima tenha o controle da própria vida⁸. Para Souza (2012, p. 100):

Mulheres que sofrem violência sexual apresentam índices mais severos de transtornos e consequências psicológicas, como TEPT, depressão, ansiedade, transtornos alimentares, distúrbios sexuais e distúrbios do humor. Outras variáveis podem ser agregadas, como maior consumo ou abuso de álcool e de drogas, problemas de saúde, redução da qualidade de vida e comprometimento do sentimento de satisfação com a vida, o corpo, a vida sexual e os relacionamentos interpessoais.

O demasiado consumo de álcool e drogas, de acordo com o autor, são usados por algumas vítimas como instrumento para reprimir memórias traumáticas. As relações afetivas também são afetadas, bem como a autoestima e visualização da própria imagem, limitando a qualidade de vida.

7 MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde da Mulher. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica (3a ed.), Editora MS, Brasília (2011)

8 Nesse sentido, destaque para o filme *Inocência Roubada* (*Les Chatouilles*, 2018) dirigido por Andréa Bescond ao lado de Éric Metayer. O filme é inspirado numa peça escrita por Andréa Bescond e na qual conta um abuso sexual sofrido por ela aos oito anos de idade e revela todo o ciclo da violência e suas consequências ao longo da vida da dançarina.

Pode a literatura trazer possibilidades de leitura do tema da mulheridade? Das relações que uma mulher vive? De suas relações com o próprio corpo e com os sentimentos?

Jacques Derrida (2014) em *Essa estranha instituição chamada literatura* atribui a potência da literatura a um poder / despoder de tudo dizer. Assim, os temas mal ou pouco tratados podem vir a ganhar notoriedade nesse discurso menos controlado e no qual tudo pode ser veiculado. Há temas que, dada sua dureza, podem ser discutidos, sentidos, a partir de textos literários.

Nos parece que o conto de Conceição Evaristo, um texto curto, traz inúmeras questões a serem discutidas, permite pensar todo o percurso dos feminismos, nos traz a imagem de uma mulher que são muitas mulheres e a partir da qual podemos pensar o poder de escolha, a fluidez dos relacionamentos, o exercício da liberdade, a violência contra a mulher

Luamanda compreende o amor como aprendizagem, com as pessoas que conheceu, o aprendizado ao acompanhar o crescimento dos filhos, o aprendizado e a reconstrução ao sofrer uma grave violência. Este aprendizado é o “tornar-se mulher” da personagem, o olhar para si, o reconhecer-se pessoa. “Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo” (EVARISTO, 2018, p. 63) são as reflexões da Luamanda madura, enfim, pessoa para si mesma.

E é neste pensar-se que Luamanda remete ao poema “Retrato” de Cecília Meireles e ao espelho indaga onde ficara escondida a face antiga. Mas o tempo não passava tão veloz para a aparência de Luamanda, se mostrava apenas na forma de aprendizado e conduz à reflexão final: “Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera” (EVARISTO, 2018, p. 64).

Considerações Finais

A obra *Olhos d'Água*, em especial o conto de Luamanda aqui discutido, reflete assertivamente a materialização de “escrevivências”, instituto pelo qual a própria escritora caracteriza sua atividade literária.

Na história vivida da personagem Luamanda refletem-se diversas outras histórias de mulheres brasileiras e a busca pelo amor, um sentimento que na trajetória entra em conflito com a realidade. Temos na narrativa curta *Luamanda* todo um percurso vivenciado pelas mulheres que passa pelos papéis criados para elas, pelas relações que estabelecem com o próprio corpo, os dispositivos materno e amoroso, a violência perpetrada por homens contra mulheres.

A literatura, este discurso que tudo pode dizer, nos convida a refletir sobre as experiências relacionadas ao tornar-se mulher nesta sociedade machista e patriarcal que habitamos. Destacar alguns pontos deste exercício no conto de Conceição Evaristo foi o intuito do presente estudo.

Os contos de Conceição Evaristo nos convidam a pensar sobre certos “tabus” de uma maneira intensa, que não são discutidos como deveriam. Por meio das entrelinhas da história de Luamanda conseguimos enxergar comportamentos enraizados na sociedade, que ainda são aceitos como normais e inerentes à cultura, como o machismo.

Referências

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em mai. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Do amor socrático ao amor líquido. **Revista Húmus**, v. 2, n. 6, 2012.

BLANCH, J.M. **Violencia social e interpersonal**. “dossier de lecturas” del Máster Interdisciplinar de estudio e Intervención em Violencia domestica. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A girafa, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DREZETT, Jefferson. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**, 2003.

EARLY, E. **The raven's return**: the influence of psychological trauma on individuals and culture. Chiron Publications, Wilmette, 1993.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

IPEA. Revista Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em mai. 2020.

IPEA. Estudo analisa casos notificados de estupro. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21849. Acesso em mai. 2020.

KRISTEVA, Julia. **Meu alfabeto**: ensaios de literatura, cultura e psicanálise. São Paulo: Edições SESC, 2017.

MATTAR, A. R.; ABRAHÃO, J.; ANDALAF NETO, J.; COLÁS, I. (et. al.). Assistência multiprofissional à vítima de violência sexual: a experiência da Universidade Federal de São Paulo. **Cad Saúde Pública**, 23 (2007), pp. 459-464.

MEIRELES, Carla. **Feminicídio**: a faceta final do machismo no Brasil. Disponível em <<https://www.politize.com.br/feminicidio/>>. Acesso em jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica (3a ed.), Editora MS, Brasília (2011)

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 25, 2002.

SOUZA, Flavia Bello Costa et al. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. **Reprodução & Climatério**, v. 27, n. 3, p. 98-103, 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska e PORTO, Madge (orgs.). **Aborto e (não) desejo de maternidade (s)**: questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

Recebido: 30.03.2020
Aprovado: 01.06.2020